

XXXVII

NO SANTUÁRIO DOMÉSTICO

Terminado o culto familiar, um dos companheiros também rendeu graças.

— Esperemos que êsses celeiros de sentimentos se multipliquem — disse Aniceto sensibilizado — o mundo pode fabricar novas indústrias, novos arranha-céus, erguer estátuas e cidades, mas, sem a bênção do lar, nunca haverá felicidade verdadeira.

— Bem-aventurados os que cultivam a paz doméstica — exclamou uma senhora simpática, que estivera presente ao nosso lado, durante a reunião.

Dois cooperadores de "Nosso Lar" serviram-nos alimentação leve e simples, que não me cabe especificar aqui, por falta de termos analógicos.

— Em oficinas como esta — explicou o instrutor amigo — é possível preservar a pureza de nossas substâncias alimentícias. Os elementos mais baixos não encontram, neste santuário, o campo imprescindível à proliferação. Temos bastante luz para neutralizar qualquer manifestação da treva.

E, enquanto a família humana de Isidoro fazia frugal refeição de chá com torradas numa saleta próxima, fazímos nós ligeiro repasto, entremeado de palestra elevada e proveitosa.

O ambiente continuou animado, em teor de franca alegria.

Depois de vinte e três horas, a viúva recolheu-se com os filhos, em modesto aposento.

Intraduzível a nossa sensação de paz.

Aniceto, Vicente e eu, em companhia doutros amigos, fomos ao pequeno jardinzinho, que rodeava a habitação.

As flores veludosas ressendiam. A claridade espiritual ambiente, como que espancava as sombras da noite.

Respirando as brisas cariocas, que sopravam da Guanabara, reparei, pela primeira vez, delicado fenômeno, que não havia observado até então. Uma pequena carinhosa, enquanto a maezinha palestrava com um amigo, despreocupadamente, colheu um cravo perfumoso, num grito de alegria. Vi a menina talar a flor, retirá-la da haste, ao mesmo tempo que a parte material do cravo emurcheacia, quase súbito. A senhora repreendeu, com calor:

— Que é isso, Regina? Não temos o direito de perturbar a ordem das coisas. Não repitas, minha filha! Desgostaste a mamãe!

Aniceto, sorrindo bondoso, explicou discretamente:

— Esta é a nossa irmã Emilia, servidora em "Nosso Lar", que vem ao encontro do espôso ainda encarnado.

— E ele virá até aqui? — interrogou Vicente, curioso.

— Virá pelas portas do sono físico — acrescentou nosso orientador, sorridente. — Estas ocorrências, no círculo da Crosta, dão-se aos milhares, têdas as noites. Com a maioria de irmãos encarnados, o sono apenas reflete as perturbações fisiológicas ou sentimentais a que se entregam; entretanto, existe grande número de pessoas que, com mais ou menos precisão, estão aptas a desenvolver este intercâmbio espiritual.

Estava surpreendido. Aquêle trabalho interessante, a que nos trazia Aniceto, com tão vasto campo de serviços gerais, fazia-me intensamente feliz. Em cada canto pressentia atividades novas.

Embora as luzes que nos rodeavam, notei que os céus prometiam aguaceiros próximos. As brisas

leves transformavam-se, repentinamente, em ventania forte. Não obstante, as sensações de sossêgo eram agradabilíssimas.

— O vento, na Crosta, é sempre uma bênção celeste — exclamou Aniceto, sentencioso. — Podemos avaliar-lhe o caráter divino, em virtude da nossa condição atual. A pressão atmosférica sobre os Espíritos encarnados é, aproximadamente, de quinze mil quilos.

— Todavia, é interessante notar — aduziu Vicente — que não sentimos tamanho peso sobre os ombros.

— E' a diferença dos veículos de manifestação — esclareceu Aniceto, atencioso. — Nossos corpos e os de nossos companheiros encarnados apresentam diversidade essencial. Imaginemos o círculo da Crosta como um oceano de oxigênio. As criaturas terrestres são elementos pesados que se movimentam no fundo, enquanto que nós somos as gôticas de óleo, que podem voltar à tona, sem maiores dificuldades, pela qualidade do material de que se constituem.

A essa altura do esclarecimento, notei que formas sombrias, algumas monstruosas, se arrastavam na rua, à procura de abrigo conveniente. Reparei, com espanto, que muitas tomavam a nossa direção, para, depois de alguns passos, recuarem amedronadas. Provocavam assombro. Muitas, pareciam verdadeiros animais perambulando na via pública. Confesso que insopitável receio me invadira o coração.

Generoso, como sempre, Aniceto nos tranquilizou:

— Não temam — disse — sempre que ameaça tempestade, os sérões vagabundos da sombra se movimentam procurando asilo. São os ignorantes que vagueiam nas ruas, escravizados às sensações mais fortes dos sentidos físicos. Encontram-se ainda colados às expressões mais baixas da experiência terrestre e os aguaceiros os incomodam tanto quan-

to ao homem comum, distante do lar. Buscam, de preferência, as casas de diversão noturna, onde a ociosidade encontra válvula às dissipações. Quando isto não se lhes torna acessível, penetram as residências abertas, considerando que, para êles, a matéria do plano ainda apresenta a mesma densidade característica.

E, demonstrando interesse em valorizar a lição do minuto, acrescentou:

— Reparem como se inclinam para cá, fugindo, em seguida, espantados e inquietos. Estamos collhendo mais um ensinamento sobre os efeitos da prece. Nunca poderemos enumerar todos os benefícios da oração. Toda vez que se ora num lar, prepara-se a melhoria do ambiente doméstico. Cada prece do coração constitui emissão eletro-magnética de relativo poder. Por isso mesmo, o culto familiar do Evangelho não é tão só um curso de iluminação interior, mas também processo avançado de defesa exterior, pelas claridades espirituais que acende em torno. O homem que ora traz consigo inalienável couraça. O lar que cultiva a prece transforma-se em fortaleza, compreenderam? As entidades da sombra experimentam choques de vulto, em contato com as vibrações luminosas dêste santuário doméstico, e é por isso que se mantêm a distância, procurando outros rumos...

Daí a momentos, penetrávamos, de novo, no salão abençoado da residência modesta.

Como quem estivesse atravessando um país de surpresas, outro fato me despertava profunda admiração.

Isidoro e Isabel vieram a nós, de braços entrelaçados, irradiando ventura. Aquela viúva pobre do bairro humilde vestia-se agora lindamente, não obstante a adorável singeleza de sua presença. Sorria contente, ao lado do espôso, via-nos a todos, cumprimentava-nos generosa.

— Meus amigos — disse ela, serena — meu marido e eu temos uma excursão instrutiva para

esta noite. Deixo-lhes as nossas crianças por algumas horas e, desde já lhes agradeço o cuidado e o carinho.

— Vá, minha filha! — respondeu uma senhora idosa — aproveite o repouso corporal. Deixe os meninos conosco. Vá tranqüila!

O casal afastou-se com a expressão dum sublime noivado.

Nosso orientador inclinou-se para nós e falou:

— Observam vocês como a felicidade divina se manifesta no sono dos justos? Poucas almas encarnadas conheço com a ventura desta mulher generosa, que tem sabido aprender a ciência do sacrifício individual.

XXXVIII

ATIVIDADE PLENA

No salão acolhedor de Dona Isabel, permanecíamos em plena atividade. Lá fora, começara o aguaceiro forte, mas tínhamos a nítida impressão de grande distância da chuva torrencial.

Logo às primeiras horas da madrugada, o movimento intensificou-se. Muita gente ia e vinha.

— Numerosos irmãos — explicou o orientador — encontram-se neste pouso de trabalho espiritual, na esfera que os encarnados chamariam sonho. Não é fácil transmitir mensagens de teor instrutivo, nessa tarefa, utilizando lugares comuns, contaminados de matéria mental menos digna. Nas oficinas edificantes, porém, onde conseguimos acumular maiores quantidades de forças positivas da espiritualidade superior, é possível prestar grandes benefícios aos que se encontram encarnados no planeta.

Acentuei minhas observações, verificando que muitas das pessoas recém-chegadas pareciam convalescentes, titubeantes... Algumas se mantinham de pé, sob o amparo de braços carinhosos. Eram os amigos encarnados a se valerem do desprendimento parcial, pelo sono físico, que se reuniam a nós, aproveitando o auxílio de entidades generosas e dedicadas. Reconhecia, entretanto, que a maior parte não entendia, com precisão, o que se lhes desejava dizer. Muitos pareciam doentes, incompreensivos. Sorriam infantilmente, revelando boa